


JESUS CRISTO E A QUESTÃO DA POBREZA: CRISTOLOGIA COMPARADA EM BLOGS CRISTÃOS

JESUS CHRIST AND THE ISSUE OF POVERTY: COMPARATIVE CHRISTOLOGY IN CHRISTIAN BLOGS

Ricardo Cortez Lopes

Doutorado em Sociologia (UFRGS)
Grupo IBCMED, Departamento de Projetos Acadêmicos
Porto Alegre, Brasil
rshicardo@hotmail.br

 <https://orcid.org/0000-0003-0808-7203>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

Este artigo trata de um estudo sobre diferentes representações de Jesus Cristo por meio do tópico pobreza. Como amostra desses sistemas religiosos foram eleitos *blogs* cristãos, para efeito de evidenciar representações fortemente circulantes. A análise mostrou que os diferentes Jesus Cristos lidam com a pobreza de acordo com uma classificação baseada nas ideias de Émile Durkheim e Max Weber sobre coletivismo e individualismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jesus Cristo. Pobreza. Blogs cristãos.

ABSTRACT

This paper deals with a study on different social representations of Jesus Christ through the topic of poverty. As a sample of these religious systems, Christian blogs were elected to show strongly circulating representations. The analysis showed that the different Jesus Christs deal with poverty according to the Durkheimian and Weberian precepts about collectivism and individualism.

KEYWORDS: Jesus Chris. Poverty. Christian blogs.

1 Introdução

Entre cristãos é muito comum a acusação “você não é realmente cristão por não ter compreendido verdadeiramente as palavras de Cristo”. Essa frase ilustra uma disputa sobre o significado real do cristianismo, algo que é de vivo interesse para uma investigação. Ademais, no plano das ciências da religião, essa atitude poderia explicar a variedade dentro do cristianismo; no plano das ideias, fica patente que há uma pluralidade de representações sobre o referente Jesus Cristo (JC). Esta discussão ganha contornos especiais no Brasil, país que conta com dezenas de variedades cristãs manifestas em um único território, pois uma representação de JC é peça normativa que estabelece o parâmetro com o qual o fiel deve se aproximar para tornar-se mais ou menos cristão. Paralelamente, ela também ajuda a modular a identidade do outro cristão, servindo de modelo para se determinar se ele é ou não um praticante e em que medida o é também, pois partindo de uma interpretação da figura de JC se estabelecem e desmancham-se grupos de pertença entre indivíduos.

Não vamos investigar, no entanto, as representações teológicas de JC, que são embasadas em textos sagrados. Nosso interesse reside, isso sim, nas representações dos grupos enquanto tais pois, após a divulgação de suas ideias, podemos perceber os pressupostos que lhe dão suporte. Uma dessas ideias é a representação de JC; e outra delas é a questão à sua relação com a pobreza, que seria uma aplicação da doutrina - assunto que também é relevante no contexto brasileiro na medida em que a esmagadora maioria da população vive, de acordo com estudos, em diferentes faixas dessa condição econômica. Logo, entender as diferentes relações dos diferentes JC com o fenômeno da pobreza permite lançar um olhar comparativo sobre muitas construções identitárias e que convivem nos campos religioso e econômico brasileiros.

O corpus analítico foi composto por textos de blogs cristãos que estão problematizando a relação entre JC e a condição econômica da pobreza. Organizamos as representações encontradas no interior de um quadro de referência, a saber, uma ideia de coletivismo e outra de individualismo. Assim, os diferentes podem ser ou mais focados no, em um vocabulário weberiano, extra mundano (no qual chegam pela excelência na profundidade de sua fé) ou no intramundano (o que abre um flanco para a tentativa de mudança do contexto).

Ademais, por que a pobreza seria um problema relevante para cristianismo? O estudo apontou que existe uma ligação com o sofrimento: a pobreza causa ao menos um tipo de dificuldade, a material, o que facilita incorrer em outros tipos pecados.

Paralelamente, o cristianismo equiva o sofrimento na terra à benevolência no Reino dos Céus. Aceitando que seja possível salvar-se do inferno por meio do evangelho, pode-se assumir que o pobre está mais aberto a escutar porque ele está menos apegado com as coisas materiais:

Essa explicação é confirmada pela singular imunidade de que desfrutam as regiões pobres. Se a pobreza protege contra o suicídio, é porque, por si mesma, ela constitui um freio. Por mais que façamos, os desejos, em certa medida, são obrigados a contar com os meios [...] A riqueza, ao contrário, pelos poderes que confere, nos dá a ilusão de que só dependemos de nós mesmos (DURKHEIM, 2000, p. 322)

O pobre, para o cristianismo num geral, é assunto relevante na medida em que revela o ímpeto igualitarista de JC. A diferença está no modo como ele é significada para essas variedades: como se constrói essa igualdade? Ela deve ser induzida socialmente para criar justiça antes da socialização (diminuindo as chances de pecar) ou conquistada individualmente para poder ser socializada (assim permitindo uma fé mais transcendente)? A metodologia do estudo vai ajudar a investigar essa questão.

2 Metodologia

Esse estudo é de caráter qualitativo, buscando uma interpretação aprofundada dos *blogs*. As variedades foram escolhidas de acordo com o último censo, o de 2010 (190.755.799 cristãos no total), e selecionamos as que se seguem: Católicos (123.280.172), Evangélicos (42.275.440), Espíritas (3.848.876) - optamos também pela teologia da libertação mesmo que seus fiéis não sejam numericamente relevantes por conta de sua significância para o problema de pesquisa. No entanto, foi utilizado também um critério amostral: protestantes foram divididos entre históricos e neopentecostais e de cada um foi selecionada uma variedade. Assim, foi possível selecionar diferenças mais significativas e panorâmicas sobre a pobreza em JC.

Os textos foram selecionados com base em mecanismos de busca. Foi digitado no motor “Jesus Cristo [variedade religiosa] pobres”. O objetivo foi encontrar os primeiros resultados justamente porque o motor de busca, através de seu algoritmo, privilegia já as páginas mais acessadas. Assim é possível perceber-se uma ideia das representações mais acessadas e como elas dialogam com outras variedades do cristianismo.

Os resultados estão dispostos na tabela 1:

Tabela 1: corpus analítico

Variedade	Nome do Blog	Endereço Eletrônico
Catolicismo	Verbo encarnado	http://verboencarnadoBrasil.org/o-voto-de-pobreza/
Neopentecostalismo	Universal	https://www.universal.org/noticias/post/qual-a-sua-relacao-com-o-dinheiro/
Luteranismo	Luteranos	https://www.luteranos.com.br/textos/jesus-era-contra-os-ricos
Teologia da Libertação	Vida Pastoral	https://www.vidapastoral.com.br/autor/b/benedito-ferraro/jesus-e-os-marginalizados-do-seu-tempo/
Espiritismo	Kardcpedia	http://cebatuira.org.br/estudos_detalhes.asp?estudoid=713

Fonte: Elaborado pelo autor

Uma vez coletados os textos, iniciou-se a atividade de análise. Como estratégia elegemos a Análise de Conteúdo, que funciona por leitura flutuante, pré-análise e análise (BARDIN, 1977). A análise foi categorial, com o fim de compreender os diferentes textos pelos mesmos parâmetros após a leitura flutuante, pois ela evidenciou a presença das partes de uma representação: ela possui uma concretude (a parte dos atos de JC), uma parte normativa (a orientação final), um contexto (que é aquele ao qual a representação responde) e, por fim, uma definição de pobreza (que é o lado fenomenológico da questão). De maneira mais aprofundada, definimos as categorias dessa maneira:

Definição stricto sensu de pobreza: qual a definição dada pelo blog para o fenômeno social?

Descrição dos contextos: como é descrito o contexto em que JC viveu para que se possa dar credibilidade ao que foi dito por ele?

Atitudes de JC: quais atos foram tomados por JC, concretamente, em relação a pobreza?

Orientação final: qual é a norma estabelecida para seus seguidores com relação a pobreza?

Por meio desse trabalho com as categorias foi possível chegar a uma série de representações. No entanto, antes de analisá-las, é mister compreender com mais acurácia o referencial teórico do estudo.

3 Cristologia, representações e os blogs

O JC histórico é objeto de estudo para muitas ciências, e não apenas para aquelas da religião. Uma é a cristologia, que o estuda enquanto ser humano histórico, o que inclui a investigação por sua trajetória de vida. No entanto, esse é o objeto de nosso estudo: qual o julgamento das diferentes representações de JC sobre o estado de pobreza? A relação de JC com esse grupo social ajuda a entender como o mundo está sendo interpretado, ao mesmo tempo que aponta um relacionamento com a economia e com outros setores sociais.

A "Cristologia, como o nome já diz, tem relação com o estudo da pessoa de Cristo" (MANZATTO, 1997, p.7), tomando-o como objeto em si. Nossa abordagem, por seu turno, volta-se para uma representação do JC histórico naquilo que o formulante pensa que ele efetivamente foi. A cristologia, portanto, é executável realizando uma comparação da imagem produzida com as escrituras de referência. Dentro da área há muitos estudiosos importante, como Aslan (2013, p.16), que descreve as dificuldades dessa investigação:

Para cada argumento bem-atestado, muito pesquisado e de grande autoridade apresentado sobre o Jesus histórico, há um argumento igualmente bem-atestado, igualmente pesquisado e de igual autoridade se opondo a ele [...] O problema de situar o Jesus histórico é que, fora do Novo Testamento, não há quase nenhum vestígio do homem que iria alterar de modo permanente o curso da história humana. A referência não bíblica mais antiga e mais confiável de Jesus é a do historiador judeu Flávio Josefo, do século I (morto em 100 d.C.)

Os vestígios não são conclusivos e a área, por si só, é bastante profícua em discussões, pois "[...] ela começou a ser escrita pelos primeiros cristãos, situados ainda na primeira geração da igreja, quando o cristianismo era mais um dos muitos movimentos judaicos" (CHEVITARESE, 2006, p.121). Cumpre notar que estudar a manifestação de JC fora das diferentes traduções da bíblia já foi proposto com filmes, por exemplo (VADICO, 2008), de modo que nosso estudo se dará em *blogs* apologetas como maneira de contribuir para a área.

Aqui, estamos propondo que a comparação entre os diferentes JC seja mediada pela representologia, cujo conceito de representação consegue fazer com que as imagens possam ser comparadas entre si sem estabelecer, necessariamente, uma escritura de referência (como é o caso da teologia). Uma representação é um fragmento simbólico que tenta reproduzir seu referente de maneira associativa, criando, ao mesmo tempo, uma descrição e uma norma que compete com outras representações (LOPES, 2019; LOPES,

2023). As representações ficam mais perceptíveis em momentos de controvérsia, quando elas são evocadas para analisar alguma situação e tentam comprovar sua veracidade expondo seus argumentos de base. Assim, dentro de um grupo cristão compartilha-se uma representação de JC e a pobreza é a controvérsia que as põe em conflito e nos permite um olhar privilegiado.

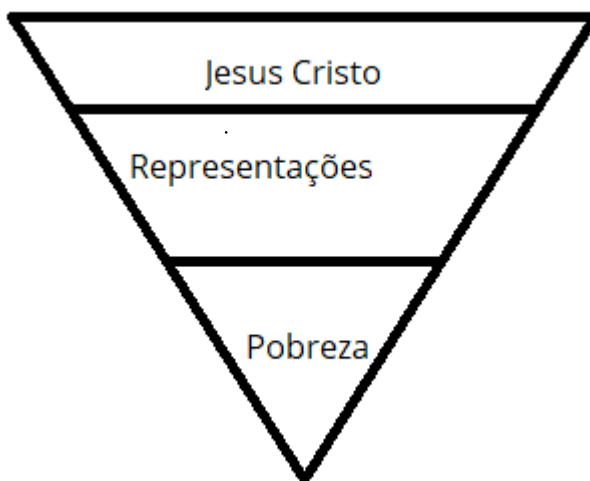
Conceitualmente, o que é um *blog*?

Os *weblogs*, *blogs*, surgidos ao final dos anos 90, difundiram-se rapidamente, pela facilidade de produção, que não exige grandes conhecimentos de linguagem html. Diferentemente da página pessoal, o *blog* pode ser atualizado diariamente, de forma datada e apresentar registros de situações diárias de quem o escreve. Por esta razão, os *blogs* ainda são classificados como diários pessoais em formato eletrônico (DE FÁTIMA FRANCO, 2005, p. 310)

O *blog*, portanto, é fácil de se produzir do ponto de vista técnico e cria a identificação pela possibilidade da associação direta com uma pessoa, por conta do seu poder de espelhar o cotidiano. No entanto, o seu foco pode ser tanto nos hábitos quanto nas ideias: nesse caso, as ideias dão a conhecer uma pessoa ou mesmo uma organização, o que ajuda ao leitor criar um laço por meio do texto ali exposto. Nesse caso, o blog possui um grande potencial cristológico por conseguir comunicar amplamente representações.

Logo, esses conceitos podem ser articulados na figura 1:

Figura 1: articulação teórica entre as dimensões estudadas



Fonte: Elaborado pelo autor

Assim, a ideia é estudar as diferentes representações de JC por meio do modo como ela lida com a pobreza. Para isso, é preciso realizar uma revisão bibliográfica de pobreza e de vulnerabilidade social, pois esse procedimento vai nos permitir distinguir o cristianismo dentro dessas diferentes tradições intelectuais.

4 Pobreza e vulnerabilidade social (?)

Em relação ao *corpus* de estudo, no *mínimo* do ponto de vista temporal houve a passagem do vocabulário “pobreza” por 3 períodos: História Antiga, Idade Média e Idade Moderna (isso sem considerar as teorias sobre o momento contemporâneo); do ponto de vista antropológico, *no mínimo* 4: hebraica, romana, portuguesa e brasileira (isso sem considerar os sincretismos no meio desse caminho). Adicionalmente, a sociedade de JC funcionava prioritariamente pela troca de gêneros do que pela troca financeira, o que cria outras significações para a pobreza.

Do ponto de vista científico, a pobreza assume uma série de significações possíveis: “Pode ser estudada apenas do ponto de vista econômico ou incorporando aspectos não-econômicos à análise, sendo contextualizada de forma dependente ou não da estrutura sócio-política da sociedade” (CRESPO e GUROVITZ, 2012, p.3). Assim, há dois tipos de definição, a relativa, que é medida pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) - que se foca na distribuição de renda - e a absoluta, que tem a ver com o acesso a serviços, derivando-se daí um cálculo de um valor de vida mínimo: “A partir das diferentes abordagens sobre o conceito de pobreza acima descritas, três concepções foram desenvolvidas no decorrer do século XX: sobrevivência, necessidades básicas e privação relativa” (CRESPO e GUROVITZ, 2012, p.3). A pobreza absoluta, por seu turno, já é medida pela linha de pobreza, que “pretende ser o parâmetro que permite a uma sociedade específica considerar como pobres todos aqueles indivíduos que se encontrem abaixo do seu valor” (DE BARROS, HENRIQUES E MENDONÇA, 2000, p.124). Mas e como o cristianismo se relaciona com esse tema, aparentemente tão eivado da mirada econômica?

5 Cristianismo e cisões

O cristianismo original começa com a peregrinação de JC junto aos apóstolos, até a sua execução. Posteriormente, iniciou-se uma institucionalização, que costuma ser considerada a Igreja Católica, e essa construção da instituição parte da ideia de Igreja e de sua hierarquização como fonte de salvação ao próximo, além de uma renúncia individual: “O que caracterizava essencialmente a Igreja e a moral que defendia era o desprezo pelos prazeres deste mundo, pelo luxo material e moral; pretendia substituir a alegria de viver

pelos gostos mais severos da renúncia” (DURKHEIM, 1982, p.176). O catolicismo, por si só, enfrentou cismas muito sérios, como o que criou as Igrejas Apostólica Romana e a Ortodoxa Grega.

Outro cisma relevante foi o da Reforma Protestante, que quis focar a discussão teológica na desinstitucionalização, focando-se a teologia diretamente no evangelho. Desta outra divisão surgiram variedades como o Luteranismo, o Calvinismo, o movimento anabatista, etc. Porém, mesmo com todas essas diferenças, ainda há semelhanças:

[...] a singularidade do pentecostalismo dentro do universo cristão reside precisamente na ênfase que ele confere tanto à imediatidade da relação entre homem e o espírito santo quanto à contemporaneidade dos poderes deste último. O pentecostalismo situa-se no que se convencionou chamar de movimento carismático, já que ele é parte da fração do cristianismo que enfatiza os carismas, isto é, os dons do espírito santo (CÔRREA, 2020, p.152)

Assim, a ênfase está colocada na experiência direta, de modo que o sagrado está também presente no cotidiano, variando o modo como se chega a ele - como, por exemplo, pelo trabalho. O Brasil não ficou incólume a essas discussões, principalmente por conta de seus ciclos migratórios:

Foram introdutores do pentecostalismo, hoje considerado “clássico”, o ítalo americano Luis Francescon (1866-1964), em São Paulo e no Paraná; os suecos Daniel Berg (1884-1963) e Adolph Gunnar Vingren (1879-1933), em Belém, no Pará. Até os anos 1950, a Congregação Cristã no Brasil (CCB) e a Assembléia de Deus (AD), resultantes das atividades dos três pregadores, eram as duas maiores igrejas pentecostais consolidadas no Brasil. Até então, o protestantismo “histórico” era a maior manifestação religiosa cristã não-católica entre nós (CAMPOS, 2011, p.504)

O protestantismo histórico é bastante difundido no Brasil, e se sustentou substancialmente na ideia de comunidade de imigrantes. Não se trata, logicamente de uma competição direta com o catolicismo, pois os protestantismos ocupavam nichos. Mas a segunda posição no ordenamento foi perdida com um desdobramento do próprio pentecostalismo:

O neopentecostalismo explora abertamente uma concepção que deita raízes nas profundezas da humanidade, em diversos contextos culturais, foi enfatizada e adaptada à cosmovisão cristã na Idade Média européia, aportada no Brasil com os católicos portugueses e perpetuada até o presente, tanto no campo da religião em particular quanto da cultura em geral, que concebe o mundo em tensão permanente entre os espíritos ou demônios causadores do mal e da desordem e os deuses associados ao bem e a ordem. Segundo essa representação, os demônios são seres espirituais possuidores de força superior a dos homens mas inferior a dos deuses (ORO, 1997, p. 3)

Assim, o neopentecostalismo foca mais nos demônios e o quanto eles podem causar o mal, que podem ser detidos pela força divina. Nesse ponto, a figura de JC está bem evocada na questão do combate aos demônios. Mas a História segue:

Uma segunda explosão pentecostal aconteceu nos anos 1950 [...] As novas igrejas surgidas a partir daquela década faziam da cura divina, dos milagres e prodígios, o foco central de suas atividades [...] Essa situação se tornou mais visível após os anos 1970, quando um pentecostalismo com maior capacidade competitiva passou a levar vantagem na arena das denominações e igrejas cristãs (CAMPOS, 2011, p. 506)

Para além da questão étnica, essas igrejas se focavam em práticas de milagres, o que favorece a aproximação de outros grupos devido a esse caráter sincrético, pois favoreceria a conversão. Mas o catolicismo experimentou mais um outro racha e que gerou uma outra vertente, que foi o da teologia da libertação. Poderia se dizer que se trata, de certa forma, de um “transbordamento”:

A afirmação do teólogo católico romano brasileiro Leonardo Boff [...] de que a teologia da libertação é “a primeira teologia do Terceiro Mundo com ressonância mundial” deve ser efetivamente acertada [...] na teologia da libertação manifesta-se [...] “a tensa transição de uma igreja ocidental mais ou menos homogênea em termos culturais e, neste sentido, monocêntrica para uma igreja mundial com muitas raízes culturais e, neste sentido, policêntrica”. [...] Esses fatos o colocam, de saída, num horizonte mundial; seu conflito com a Igreja Católica Romana mundial fez outro tanto. O horizonte mundial, contudo, também corresponde à sua teologia, que foi desenvolvida a partir da urgência do contexto, porém sempre com vistas não só aos católicos romanos, não só ao universo ecumênico cristão, não só aos seres humanos, mas também ao cosmo e até ao universo inteiro (VON SINNER, 2004, p.32)

A teologia da libertação, portanto, busca uma atuação fora da dimensão católica sem ser exclusivamente teológica, mas também pela política - retomando a tradição franciscana de combater a pobreza pela redistribuição. Nesse ponto, JC seria um revolucionário capaz de promover milagres.

Por fim, o espiritismo é uma variedade em que não há uma delimitação consensual dentro da história do cristianismo, sendo, por vezes, considerado como uma seita. De qualquer forma, foi na França que começou o delineamento da doutrina kardecista:

[...] o deslocamento da ênfase na mensagem para a ênfase no carisma do médium e o deslocamento da comunicação espírita entre indivíduos desconhecidos num mesmo espaço mediúnico impessoal para a mediação relacional entre seres já ligados por nexos anteriores, geralmente familiares [...] Os espíritas pensam-se simultaneamente como ruptura e renovação do cristianismo, situando a codificação de Kardec como Terceira Revelação. A doutrina da reencarnação como motor do progresso (logo depois retraduzida em termos da teodicéia do carma) e a negação do dogma da Trindade, bem como sua relação com o catolicismo, projetaram certa controvérsia na

Essa é a única das variedades analisadas que possui a ideia de reencarnação, o que abre espaço para uma gnose por conta das experiências de outras vias. Nesse caso, o espiritismo brasileiro se foca de sobremaneira no médium, o que deixaria o espaço para JC cumprindo o papel de um sábio, retirando a ênfase na questão dos milagres. Em síntese, JC é representado como a suprema inteligência.

Cada uma destas teologias é complexa e conta com tradições intelectuais bem consolidadas, porém o nosso foco será nos grupos sociais que se articulam em volta das ideias e das práticas, cuja parte dos valores está expressa em veículos de comunicação social. Justamente essa complexidade do objeto ocasiona a necessidade de um esquema teórico que articule conceitos.

6 Base do esquema teórico

Na presente pesquisa vamos proceder uma discussão proposta inicialmente por Durkheim (no que se refere à importância epistêmica do objeto, a moralidade), porém a análise do material vai se processar por via do recurso metodológico weberiano (nos tipos ideais). Vejamos como se dará essa articulação.

Vamos começar pela dimensão mais ampla, a da moralidade, para posteriormente analisar, brevemente, o tipo-ideal weberiano para, por fim, apresentar a moral individual e a coletivista. No fim, desejamos construir tipos-ideais (a moral do individualista e a moral do coletivista) adequados para a análise das manifestações empíricas investigadas.

7 Discussão teórica: uma dupla conceitual

A diferença básica entre ética e moralidade, segundo alguns autores, é que a ética é a disciplina filosófica que lida com a busca das definições sobre o que é justo e belo, enquanto a moralidade é uma definição pronta partindo das particularidades dos grupos humanos, ensinada por meio de sua cultura (CORTINA, 2005). Em uma breve divisão do trabalho intelectual, Durkheim pensava que a filosofia se dedicava à primeira ordem de pensamento, na busca das essências dos conceitos, independente dos contextos sociais; já a sociologia se dedicaria à segunda dimensão, com foco nos grupos que formam

sociedades, conhecimento acessível por meio da pesquisa sobre suas representações coletivas (DURKHEIM, 1975). Para Durkheim, a moralidade é um fenômeno que acontece em todas as escalas: desde a individual, a grupal até o nível da sociedade. Desde essa abordagem, Durkheim encontrou, por exemplo, diferentes tipos de solidariedades e de interdependências (DURKHEIM, 1977; DURKHEIM, 1975).

Max Weber lançou um olhar culturalista e histórico para as diferentes sociedades, mesmo sem o foco direto na moral (COHN, 2003). Essas ações são motivadas por alguns valores, como, por exemplo, as ações motivadas por valores tradicionais (WEBER, 1999). Apesar de frutífera, o construto mais interessante para nosso problema é o tipo-ideal, sendo o nosso interesse em apresentar a inclinação de Weber pela questão moral por meio dos valores.

Mais especificamente, o que viriam a ser os tipos-ideais? Os tipos ideais são a formação de conjuntos de associação entre manifestações empíricas e servem para contemplar a busca de se traçar uma descrição de um fenômeno pela maior recorrência de suas características:

Um conceito ideal é normalmente uma simplificação e generalização da realidade. Partindo desse modelo, é possível analisar diversos fatos reais como desvios do ideal: [...] permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo construído teoricamente. Sob esse aspecto, a construção é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas (WEBER, 1963, p.372)

Tal qual uma média aritmética, um tipo-ideal não existe manifestado em um indivíduo, ele é uma média. Portanto, o tipo ideal é como se fosse um “*brainstorming*” do pesquisador consigo mesmo e com a revisão bibliográfica, o que se constitui mesmo em uma hipótese a ser verificada pela pesquisa empírica.

No caso deste artigo, estaremos partindo de certo “tipo-ideal”, um mais voltado para o coletivo e outro para o individual. Ressaltamos aqui que não estaremos fazendo um julgamento de quem seria o mais adequado: afinal, os dados indicam que o coletivista pretende que a Salvação ocorra coletivamente, e, por indução se espalhe pelo corpo social, enquanto o individualista acredita que é possível ensinar a dedução do cristianismo e assim as pessoas possam se salvar umas as outras por meio do ensino da teologia. Ou seja, para um a igualdade se alcança para ensinar, e o outro ensina para poder criar a igualdade. Logo, não nos parece que exista propriamente uma incompatibilidade de fins, embora o caminho seja bastante distinto.

A qualidade moral valorizada pelo individualismo está no seu atributo de habilidade. Na intensidade da presença da habilidade é que se encontra a avaliação positiva ou negativa. Assim, uma pessoa é moralmente correta na medida de seu domínio de algum tipo de ação. Assim, essa moral coloca o indivíduo (em verdade sua habilidade) em primeiro plano, e por isso a chamamos de individualista. Uma segunda moral, no entanto, é uma reação à supremacia desse primeiro indivíduo habilidoso, negando a habilidade como instância de justiça e colocando-a fora do indivíduo, o que acaba, automaticamente, com a hierarquia segundo essa especificação. Esses dois padrões de moralidade relacionam-se especificamente com o cristianismo como veremos adiante.

8 Definição *stricto sensu* de pobreza

Como já abordamos, a representação conta com um lado fenomenológico na medida em que embasa interpretações do mundo. Nesse caso, o fenômeno pobreza vai ser formulado a partir da representação JC, que dá origem para a teologia que vai determinar o dever-ser para o cristão. Assim, esse ajuste entre o dever-ser e o que é lido é aquilo que leva ao julgamento positivo ou negativo da prática do fiel.

Podemos observar que há alguns tipos de pobreza de acordo com a variedade estudada. A primeira é a pobreza evangélica, descrito do ponto de vista católico: “Esta pobreza evangélica consiste no abandono voluntário das riquezas e dos bens exteriores deste mundo com o fim de procurar unicamente a Deus” (INSTITUTO VERBO ENCANTADO, s/d, s/p). A pobreza desse tipo é voluntária, e não é inercial. Nesse caso, a pobreza é renúncia dos bens exteriores em prol da divindade, e há também gradações: “Mas a perfeição da pobreza evangélica não reside simplesmente na mera carência de riquezas ou bens materiais (pobreza efetiva), senão no desprendimento e desapego voluntário das mesmas (pobreza afetiva)” (INSTITUTO VERBO ENCANTADO, s/d, s/p). Nesse caso, a pobreza escolhida redundava no desapego, mas isso serve para quem foi salvo: em uma negação dela, pode-se formular o pobre como alguém a ser salvo que não abdicou dos bens materiais, porém não por vontade própria. Nesse caso, existe uma atitude puramente religiosa, que se expressa em quatro graus:

A pobreza religiosa pode praticar-se com maior ou menor perfeição. Há quatro graus principais:

1. Abster-se de possuir algo como se fosse próprio ou de fazer sem permissão qualquer ato de propriedade: é a matéria obrigatória do voto, cujo

descumprimento, por pequeno que seja, constitui sempre pecado, grave ou leve segundo os casos.

2. Privar-se do supérfluo (até da aparência de luxo ou riqueza), contentando-se com o necessário, sem que o coração se apegue a isso. Seu descumprimento não quebraria o voto, mas sim a virtude da pobreza.

3. Preferir para seu uso escolher, quando se possa, o de menos valor, o menos agradável, o mais incômodo. Aceitar com gosto, e até pedir, os ofícios mais baixos, os destinos mais difíceis... o que nos faz parecer mais aos pobres. Logo aqui começa a perfeição da pobreza.

4. Aceitar com alegria, por amor a Deus, as privações, até nas coisas necessárias, pela Santa pobreza. Gloriar-nos como São Paulo na fome e sede, nas privações de todo gênero, no frio e nudez (2 Cor 11,27). De São Francisco de Assis se dizia que “ninguém tão ambicioso de ouro como ele zeloso da pobreza...” [10]. Este grau constitui a perfeição da pobreza (INSTITUTO VERBO ENCANTADO, s/d, s/p)

Esses graus passam da renúncia a coisas extras até a renúncia das básicas. Nesse sentido, as necessidades humanas são colocadas como referencial para a pobreza, e quando ela é voluntária há um processo de purificação. JC, no caso, aparece como a purificação máxima na medida em que consegue ser pobre de maneira voluntária.

Para algumas variedades, como da teologia da libertação, o processo de purificação completa é com o pobre por inércia:

Jesus se dirige à classe pobre, aos “Am-Ha-Ares”, o “povo da terra”, os “humildes da terra”. Sua mensagem de salvação-libertação é para os pobres, doentes, prostitutas e possesores. Sua pregação visa sobretudo a massa marginalizada do processo de produção e o proletariado rural e urbano espoliado e explorado em seu trabalho. Recruta seus discípulos da faixa da classe baixa que superou a situação de miséria absoluta. Cria seu projeto a partir dos trabalhadores de seu tempo. Denuncia a miséria das grandes massas como fruto da exploração dos grandes, e exige dos membros das classes dominantes que o procuram a “conversão”, a ruptura com sua classe e uma prática diferente que demonstre efetivamente a mudança de posição social (cf. Mc 10,17-27; Lc 19,1-10) (FERRARO, s/d, s/p)

Nesse caso, os pobres são abarcados pela categoria excluídos, que não estão libertos. Assim, a referência é a produção como organizadora das relações sociais, e nisso os pobres experimentam a miséria absoluta, o que foi problematizado pelo *blog* neopentecostalista:

Desde a Criação, Deus deixou claro que deseja que sejamos prósperos. É o princípio da multiplicação: não há fruto sem semente. Os animais procriam, os seres humanos são dotados de inteligência, tudo foi pensado em torno do crescimento e da expansão. Mas muitos cristãos se esqueceram desses princípios de sucesso e prosperidade e confundiram os conceitos de humildade e pobreza e de riqueza e orgulho, criando uma visão ruim do dinheiro e inconscientemente se afastando do equilíbrio (RIVAS, 2018, s/p)

Dessa maneira, a pobreza não é o padrão a ser seguido, o ideal é a prosperidade generalizada. Nesse sentido, a humildade não reside na pobreza, mas sim numa atitude que não é, necessariamente, econômica. Assim, assumir a pobreza não seria o fator mais importante para a confissão da fé.

9 Descrição dos contextos

A representação tenta descrever um contexto por meio de seus elementos prévios. Nesse caso, o contexto é onde a representação busca dar sentido, e quando se trata de contextos não-cotidianos as coisas tornam-se mais interessantes, especialmente quando se trata de representações de contextos históricos - uma vez que estes são evidenciados por meio de vestígios. Assim, não há a pluralidade das representações do cotidiano.

Afinal, o JC histórico formulou suas palavras no contexto antigo, o romano, e elas são utilizadas no contexto contemporâneo. Com relação ao contexto Antigo, podemos encontrar algumas formulações. Mormente elas são ligadas com a teologia da libertação:

De modo geral, a situação dos trabalhadores do tempo de Jesus era precária. Devido aos impostos, a grande maioria se empobrecia, contraía dívidas pesadas, perdia suas terras, acarretando com isso a concentração da propriedade da terra nas mãos de poucos. Isso gerava um enorme contingente de mão de obra barata e desocupada nas cidades, com grande mendicância, sobretudo em Jerusalém. Esta enorme massa era marginalizada do processo de produção e vivia de esmolas (FERRARO, s/d, s/p)

Aqui é utilizada a palavra “trabalhadores”, e é retratada a produção de pobreza de maneira desigual. Assim, a pobreza seria um fenômeno bastante proeminente na época em que o JC histórico teria vivido. Essa descrição tem um efeito interessante de mostrar uma teleologia, que equivale o regime antigo com o capitalismo, por exemplo. Nesse caso, não é preciso um processo de recontextualização. Assim, JC se materializaria humano para mostrar a essência da humanidade:

Entretanto, podemos atingir muito do seu meio e aí descobrir aspectos da realidade vivida por Jesus. Nesse sentido, assumindo em plenitude a profissão de fé de Calcedônia — Jesus verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus [...] Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano”, queremos dizer que Jesus tem sua origem enraizada na tradição de seu povo, é profundamente solidário com seu ambiente vital, é fruto também do seu meio, marcado pela geografia, história e cultura do seu povo, como também é influenciado pelas leis econômicas do seu tempo, pelos

conflitos com os diferentes grupos políticos de seu tempo. Em suma, esta sua solidariedade com seu meio e com seu povo o levará a enfrentar o desafio de uma vida voltada aos mais pobres e marginalizados de seu tempo e, devido a esta atitude, terá que enfrentar a perseguição dos que detinham o poder político, econômico e ideológico da época (FERRARO, s/d, s/p).

Segundo a fonte, como humano que foi, JC ficou completamente sujeito ao contexto, embora o meio não seja tão significativo diante da metanarrativa, pois ela estruturaria a realidade. Fica muito evidente a questão da condição operária, mesmo num mundo pré-industrial:

Jesus provém da classe dos excluídos do poder, da riqueza e dos privilégios. Como artesão de uma cidade periférica faz parte da base da pirâmide social de seu tempo ao lado de pescadores, agricultores, sapateiros, tecelões, padeiros, açougueiros, copistas, perfumistas, marceneiros, carpinteiros, lavandeiros, funcionários do Templo e músicos. Ao lado desses trabalhadores qualificados, que eram explorados em seu trabalho, contam-se ainda as profissões ditas “impuras”: transportadores, pastores, trabalhadores ligados aos jogos de azar, médicos, escravos... E há também as profissões de “impurezas ainda mais graves”: mercadores de produtos sabáticos, trabalhadores das casas de banho, marinheiros, cobradores de impostos... Em outras palavras, Jesus faz parte dos setores explorados de seu tempo: o proletariado agrícola e o proletariado urbano, contando ainda com os escravos do setor produtivo e do setor de serviços (FERRARO, s/d, s/p).

Assim, a pirâmide social estaria estabelecida e JC faria parte do segmento que é explorado. Nesse caso, a explicação desses contextos é o mesmo, o que justifica a ação missionária porque a obra de JC estaria incompleta sem esse enfrentamento:

Jesus responde às esperanças, aspirações e angústias dos “Am-Ha-Ares”, o “povo da terra”, como também se dirige aos camponeses e setores da pequena burguesia urbana. Sua prática e seu discurso, no quadro da sociedade de seu tempo, adquirem um peso significativo, quando confrontados com a organização sociopolítico-econômico-religiosa da época. Confrontar-se com fariseus e saduceus, significou romper com as classes dominantes que, servindo-se da legitimação da Lei, mantinham o povo na opressão. Criar um novo projeto de sociedade, o projeto do Reino, a partir dos trabalhadores de seu tempo, significou romper com a denominação cultural de que o pobre é ignorante, maldito por não conhecer a Lei. Escolher os apóstolos do meio da classe oprimida significou romper com o sistema de pureza que classificava os pobres como impuros. Romper com o Templo, acarretou-lhe a morte, mas ajudou a desmascarar os mecanismos legitimadores da opressão de seu tempo (FERRARO, s/d, s/p)

Nesse trecho fica evidente que JC estaria rompendo com o contexto, o que o tornaria universal na contestação da opressão, esta um ente a-histórico. A riqueza é composta de elementos que não são eternos, e se focar neles é considerado um erro teológico. Ressalta-se, portanto, uma diferença qualitativa entre JC e os fiéis, visto que sua superioridade

ajudaria a orientar a ação de seus seguidores. Esse raciocínio é problematizado por outra variedade, o luteranismo:

Desta forma, a parábola de Jesus sugere para nós do século XXI uma mudança quando falamos em economia ou prioridades políticas. Economia não é apenas uma discussão sobre gerar empregos, crescimento econômico e competitividade. Os grandes problemas da humanidade são causados pelo fato de a cultura de consumo ser o foco das prioridades políticas. “As pessoas dedicam toda a sua vida ao trabalho, a produzir riqueza, para poder consumir, para gerar esse crescimento econômico. Mas a vida não é só trabalho. É preciso viver, é preciso amar, é preciso ser feliz, precisa-se de tempo para viver amar e ser feliz. Ninguém compra cinco anos de vida no supermercado”, diz o senador ex-presidente do Uruguai José Mujica. É claro que no nosso mundo o dinheiro é necessário. Mas quando ele é o único objetivo de nossas vidas, então podemos ficar cheios de dinheiro e vazios sobre o sentido da vida. Nós temos que ser os donos do dinheiro e não o contrário (GIESE, 2019, s/p).

Está sendo proposto um tipo de poder do dinheiro que pode subjugar a qualquer indivíduo histórico e social. O dinheiro pode tirar a propriedade de si mesmo, o que desviaria de deus por desviar do homem. Nesse sentido, a pobreza não é condição para a fé, e a riqueza poderia gerar alegria:

O dinheiro é certamente um dos supremos motivos de alegria e de aflição do ser humano. Poucas coisas no mundo podem determinar mais a vida de uma pessoa do que o dinheiro. Por dinheiro as pessoas roubam, se corrompem, enganam, matam e fazem a guerra (GIESE, 2019, s/p).

Nesse caso descrito, a alegria pode se confundir com corrupção. No contexto atual, o dinheiro pode levar aos pecados, como pensa o neopentecostalismo:

Para a escritora, há um tabu ao se falar de dinheiro, mesmo que ele seja necessário para garantir a sobrevivência. E isso gera falta de equilíbrio para lidar com finanças, o que abre espaço para outros inimigos do sucesso. “Esses inimigos geram um ciclo vicioso. A pessoa que não tem dinheiro porque pensa que ele não traz felicidade vive dando um ‘jeitinho’ para tudo. Sem seus direitos assegurados, as pessoas vivem reclamando de tudo e qualquer coisa. Uma vez estabelecido esse ciclo, instala-se a maior de todas as inimigas da prosperidade: a acomodação, quando a pessoa se entrega à sorte, acreditando que não é capaz de fazer o seu próprio destino e quebrar o ciclo”, explica (RIVAS, 2018, s/p)

Desta valorização é que parte uma significação das atitudes de JC, que revestem as falas e os gestos, os quais podem ser definidos como atitudes. Esse é o tema do próximo tópico.

10. Atitudes de JC

A representação passa por um processo de objetificação: ela estabelece raízes no real para torná-la crível para quem a utiliza. É claro que essas raízes não necessariamente sejam o real, porém elas assumem efeito de real e nisso são acreditadas e são verdadeiras para esse indivíduo. Nesta categoria estão alojadas as atitudes diretas de JC no mundo, que vão ser redundadas e que estabelecem o dever-ser - daí gerando as orientações aos fiéis. Essa é uma parte importante da representação, porque as atitudes de JC não ficam sem explicação doutrinária correspondente, elas são eivadas de significação teológica. Logo, cada gesto assume uma significação específica, que poderá ser generalizada para o ser humano num geral, e o cristão em particular. Há, portanto, uma função arquetípica, a moralidade parte daí e a instituição a recontextualiza. Logo, a perseguição assume as mesmas feições do materialismo histórico, na perspectiva da teologia da libertação:

Este espanto e este escândalo, aos poucos, se operacionalizam e se transformam em perseguição. A prática de Jesus e de seu grupo sugere uma nova maneira de interpretar a vida, a vida dos pobres, a Lei e conseqüentemente o próprio Deus. Isso acarretou-lhe inúmeros ataques e perseguições e, no final do processo, a própria condenação. A prática de Jesus, como causadora e reveladora de conflitos, está bem relatada pelos sinóticos nas controvérsias com os dirigentes do povo (FERRARO, s/d, s/p)

Assim, JC assume feição revolucionária, o que pode ficar aventado pelo conflito com as classes dirigentes. Segue o autor:

Jesus de Nazaré, o carpinteiro (cf. Mc 6,3), com seu grupo de discípulos (cf. Mc 3,13-19), recrutados especialmente do meio da classe trabalhadora (pescadores, artesãos, agricultores, pastores...), inicia uma nova prática que causa espanto e escândalo aos grandes de seu tempo: autoridades religiosas e civis. O que produzia tal espanto e escândalo, e acabou originando a perseguição a Jesus, foi o fato de que oferecia a salvação aos pobres. Na mentalidade dos grandes de Israel, guiados pelo sistema de pureza, afirmava-se que os pobres já estavam condenados por antecipação, pois pelo fato de não conhecerem a Lei, tornavam-se “malditos” (cf. Jo 7,49) (FERRARO, s/d, s/p)

Nesse caso, a perseguição evidencia a tensão política - outras variedades colocam mais ênfase nos elementos religiosos em conflito no Império Romano. Nesse caso, estabelece-se um conflito entre pobres e ricos e o JC histórico seria a união disso por meio da religiosidade. Pode-se notar que a leitura da teologia da libertação é a que dá mais ênfase para a questão do contexto.

Os outros *blogs* focaram-se, em seus textos, no ambiente atual, onde se ressalta a diferença do contexto com a teologia. Nesse caso, os pobres aparecem como uma

identidade viável, junto com os ricos. Na teologia anterior, ser rico era pertencer às classes dominantes e, aqui, a renda aparece como parte da identidade do indivíduo e não como sua definidora. No entanto, o dinheiro em si é visto também como corruptor para o *blog* luteranista:

Jesus alerta com frequência aos seus discípulos sobre a atração irresistível do dinheiro. O desejo insaciável pelo vil metal pode fazer com que a pessoa jogue sua vida toda pela janela. Mas como Jesus tratava essa questão do dinheiro? Jesus também tinha contas para pagar? (GIESE, 2019, s/p)

O JC histórico, portanto, tinha uma idiossincrasia para lidar com o dinheiro, o qual possui, de fato, a atração do poder. O poder está despersonalizado, e o dominado de agora seria o dominante se o tivesse, pois o mundo como um todo é pecador. A utilização da expressão “contas a pagar” é um artifício retórico, uma vez que não há a monetarização da economia e também o modo de vida itinerante de JC o impediria de assumir custos de vida sedentária. Porém, ainda há a questão das necessidades primárias:

Os Evangelhos nos dizem que Jesus não multiplicava pães e peixes todos os dias. Em Lucas 8 lemos sobre um grupo de mulheres (discípulas) que acompanhavam a Jesus e se preocupavam com as primeiras necessidades de Jesus e dos outros discípulos. Judas Iscariotes era o tesoureiro. No entanto, Jesus parece não ter se preocupado muito com o dinheiro. Para Jesus, importante é o pão de cada dia, para Jesus cada dia traria os seus cuidados, pois se Deus não desampara nem as flores do campo nem os passarinhos do céu, também não desampará os que nele confiam (GIESE, 2019, s/p).

JC, em si mesmo, se preocuparia apenas com o “pão de cada dia” por entender que não precisaria de mais produtos além das necessidades básicas. No entanto, os próprios discípulos preocupavam-se com elas. Aqui podemos perceber o individualismo um pouco mais tematizado:

Mas Jesus não era contra o dinheiro, nem mesmo contra as pessoas ricas. A questão para Jesus era o que se faz com o dinheiro? Por isso, o Evangelho de hoje nos conta uma história diferente. Nos fala de alguém que encontrou um bom uso para uma parte do seu dinheiro. Para Jesus a atração do dinheiro não é uma espécie de doença incurável do ser humano. É disso que nos fala esse encontro de Jesus com um homem rico de Jericó (GIESE, 2019, s/p).

Segundo o texto, o dinheiro aumentaria, portanto, as chances de escolha, e não necessariamente seria corrupto por si mesmo. Isso é uma grande diferença da ideia de que o dinheiro demarca lugares sociais fixos. A partir da ideia sobre o rico o texto se desenvolve um pouco mais:

Tendo entrado em Jericó, Jesus ia atravessando a cidade. Ora, morava ali um homem rico, chamado Zaqueu. Ele queria muito ver quem era esse tal

Jesus, mas não podia, por causa da multidão, e por que, embora fosse o maioral dos cobradores de impostos do lugar, era de pequena estatura. Então teve uma ideia: correu adiante da multidão, até onde havia algumas árvores, e subiu numa figueira brava, certo de que assim poderia ver Jesus, quando por ali passasse (GIESE, 2019, s/p).

A multidão chamou a atenção do cobrador de impostos a ponto de ele precisar subir na árvore para poder, de fato, enxergar JC e o dinheiro, em si mesmo, não lhe comprou a aproximação. Prossegue a narrativa: “Quando chegou àquele ponto do caminho, Jesus olhou para cima, viu Zaqueu e lhe disse: “Zaqueu, desça depressa, pois hoje pretendo ficar na sua casa.” Zaqueu desceu depressa e o hospedou na sua casa com muita alegria” (GIESE, 2019, s/p). Essa recepção surpreendeu os admiradores do JC histórico: “Só que os moradores do lugar, ao verem isso, começaram logo a resmungar: “Veja se isso tem cabimento. Este homem foi se hospedar justo na casa do maior pecador da paróquia!” (GIESE, 2019, s/p). Os pobres, no caso, estão julgando o indivíduo por conta de suas posses, na perspectiva do coletivista, focando na desigualdade. Mas JC respondeu:

Zaqueu, então, se levantou e disse ao Senhor: “Senhor, pensei bem e tomei uma importante decisão: A partir de hoje eu vou pensar mais nos pobres e nas vítimas das pessoas que tenho defraudado. Eu vou dar a metade dos meus bens aos pobres. E, já que tenho roubado tanta gente, a partir de hoje vou restituir-lhes quatro vezes mais o montante defraudado.”(GIESE, 2019, s/p)

No caso, o conflito de classes foi contornado pela compreensão do JC histórico, que conseguiu lançar uma visão mais ampla:

Nesse momento Jesus exclamou: “Hoje a salvação entrou nesta casa, pois também este é filho de Abraão. Para isso mesmo veio o Filho do Homem: para buscar e salvar quem está perdido.” (Lucas 19.1-10) O que aconteceu para que aquele homem rico – chamado Zaqueu – de repente mudasse de atitude em relação ao dinheiro? Vejam, bem, Zaqueu não desprezou totalmente o dinheiro – mas ele colocou o dinheiro num novo lugar em sua vida. Jesus havia introduzido na vida daquela pessoa rica o sentimento de justiça, de amor solidário, de humanidade. Zaqueu sabia que o dinheiro dá segurança e bem-estar na vida para quem o possui. Mas o amor solidário – o pensar mais nos pobres e nas pessoas em necessidade – isso trouxe um novo sentido para a função do dinheiro e da vida do Zaqueu. A parábola também nos diz que Jesus não é contra o dinheiro. Ele se alegra quando o dinheiro é usado para promover justiça e solidariedade. O amor cristão pode ser manifestado também com ofertas e doações em dinheiro (GIESE, 2019, s/p).

As obras da instituição poderiam ser financiadas por dinheiro para espalhar a mensagem para o coletivo. Finalmente, há trechos da teologia da libertação que ressaltam o posicionamento de JC na estrutura social:

Para compreendermos o relacionamento de Jesus com os marginalizados do seu tempo, temos que nos lembrar que Jesus é um judeu, carpinteiro de Nazaré da Galileia, o meio mais pobre de seu país sedento de uma transformação social de base (FERRARO, s/d, s/p)

Ou seja, seriam grupos estigmatizados, de modo que JC teria escolhido o compor por algum motivo. Ele acaba sendo o indicador do moralmente correto, de onde deve se direcionar a teologia. Com a distribuição da riqueza seria possível a igualdade que agradaria a JC.

10.2 Orientação final

Nesta seção vamos abordar o resultante da composição das categorias anteriores, que é a orientação moral para o fiel com relação à pobreza por falta. Além do mais, há também orientações voltadas para quem disponha de renda extra, que não serve à subsistência. Assim, há uma orientação do que fazer com esse dinheiro.

Há posições que consideram que a riqueza não é algo negativo, como é o caso do *blog* espírita:

No entanto, a riqueza material não pode ser considerada uma coisa ruim, porque em si mesma ela é neutra, o uso que se faz dela é que vai determinar a sua utilidade boa ou não. Todas as pessoas, independente da situação financeira, podem distribuir da riqueza interior que já conquistou, sendo tolerante, compreensivo, etc (LOVO, 2005, s/p)

Nesse caso, a riqueza também está distinta em duas dimensões, sendo a interna a mais importante. A externa pode ser igualmente distribuída, e nesse caso há redistribuição dos dois tipos de capital.

Já há outras vertentes, como a da teologia da libertação, que consideram o capital apenas como uma dimensão material:

Com tal prática no interior de sua época, Jesus realiza obra de um revolucionário: desmascara os mecanismos de opressão de seu tempo e revela que os verdadeiros culpados pela miséria e marginalização dos pobres, não são os pobres, mas as autoridades do povo. É por isso que o povo se parece a ovelhas sem pastor (cf. Mt 9,36). Jesus percebe isso de modo muito claro em seu relacionamento com os diferentes grupos e estratos sociais de sua época. Sua atitude, relatada pelos textos evangélicos, especialmente pelas controvérsias, nos orienta na compreensão de sua perseguição, pois ela desvela os mecanismos que tiram a vida dos pobres e trabalhadores de seu tempo (FERRARO, s/d, s/p)

Nesse caso, o pobre simbolizaria o sistema como um todo, como uma espécie de síntese. É utilizado o vocábulo "trabalhador" como outro mecanismo de equalização de

novo, o que engendra a meta-narrativa. Uma outra perspectiva possível é de que é preciso valorizar a vida cotidiana como meio de promover um bem-estar generalizado, utilizando-se os dons recebidos intencionalmente pelo criador. O dom também precisaria ser exercido como maneira de se agradecer, de modo que as situações que ocorrem são vontades da deidade. Nesse sentido, o livre-arbítrio está diferentemente abordado: a riqueza só seria moralmente desaprovável quando desvia da finalidade teológica.

Neste tópico, há outras dimensões colocadas pelo luteranismo:

- b) Os dons (talentos): Todo ser humano é uma criatura única e original e ocupa um espaço somente seu nos planos de Deus. Originais e únicos também são os dons de cada pessoa. Por isso, devemos desenvolver os dons que Deus nos deu. Não devemos fazê-lo para proveito pessoal, mas para servir a Deus e ao próximo. O Zaqueu sabia fazer dinheiro dentro do sistema econômico de sua época, mas isso somente deu um sentido na sua vida quando ele começou a pensar nos pobres e necessitados – isso deu um novo sentido na sua vida. Zaqueu descobriu que não dá para só pensar em si mesmo. Que uma grande alegria, uma grande satisfação toma conta do coração da gente quando a gente pode compartilhar algo com alguém.
- c) Os bens: Quando uma pessoa cristã se submete ao senhorio de Cristo, ele deixa de considerar seus bens materiais como sua propriedade – eles estão sob o senhorio de Cristo. A consciência de que tudo pertence a Deus liberta e compromete à oferta de gratidão regular para a igreja. Tudo o que temos vem de Deus e a ele deve retornar (Dt 8.17) (GIESE, 2019, s/p)

Nesse caso, a gratidão se expressa por meio do compartilhamento da riqueza produzida. Ser titular da riqueza e a distribuir é sinal de compartilhamento, o que permite uma ligação secundária por meio da caridade. Assim, a caridade compensa a riqueza, o que não acontece com todas as vertentes, mas nessa é bem marcada:

Não deixemos de expressar – também nós – nossa gratidão a Deus através da nossa contribuição financeira à Igreja. O apóstolo Paulo escreve: “Que cada um dê a sua oferta, conforme resolveu no seu coração, não com tristeza, nem por obrigação, pois Deus ama quem dá com alegria.” (Coríntios 9.7). Amém (GIESE, 2019, s/p)

Portanto, a caridade precisa ser voluntária (um bem), e não pode obrigação (um dever). Nesse caso, é preciso que o fiel seja capaz de abdicar de sua renda fixa, tal como fez JC ao peregrinar. Há, portanto, um autocontrole que remete à renúncia própria do cristianismo como um todo. Prossegue o *blog*:

A doutrina da criação afirma a absoluta soberania do Criador sobre tudo que existe, incluindo os seres humanos. “Pois todas as coisas foram criadas por ele, e tudo que existe por meio dele e para ele. Glória a Deus para sempre. Amém” (Rm 11.36). A negação desta soberania é a essência do pecado. A doutrina da criação, ao afirmar a absoluta soberania de Deus, inclui também a responsabilização do ser humano pela administração da criação e realização de sua vontade (Gn 1.28). A responsabilidade de cuidado da

Criação como Deus cuidaria é o que caracteriza o ser humano como imagem e semelhança de Deus (GIESE, 2019, s/p).

Saber renunciar ao prazer seria uma maneira de exercer a intenção da deidade. Assim, os prazeres contextuais não podem ser maiores do que o desejo de realizar a vontade dela, traduzida em JC. O contexto, no entanto, varia - embora para o individualista isso não seja o fator mais importante a ser considerado, dado que o mundo sempre foi pecador.

Nesse caso, a sociedade (pessoas) postula um tipo de glória, que não é a mesma da divindade. Assim, a riqueza acaba sendo algo a não ser buscado, pois corresponde ao que não é eterno - e o individual acaba se ligando a essa conexão. Todo o esforço do cristão, portanto, deve ser empenhado no aperfeiçoamento da religiosidade. Dessa maneira, o único sucesso possível seria abdicar do contexto em prol da salvação, mas não para mudá-lo, como quer a teologia da libertação e, neste caso, o nível de purificação diz o quão há a aproximação de JC. Por fim, há a interpretação do espiritismo, e nela podemos observar que a caridade se descola da dimensão material:

Hoje, ainda, muitas pessoas têm visão limitada sobre o que é caridade. Acreditam que ser caridoso é simplesmente distribuir bens materiais [...] A Doutrina Espírita ensina que existem outras formas pelas quais se pode exercer a caridade, independente dos cuidados que se tem com aqueles que estão em dificuldade financeira (LOVO, 2005, s/p)

A redistribuição material não é a prioridade aqui nessa vertente, tal como é na teologia da libertação. Assim, é possível contemplar o mundo humano e o mundo divino simultaneamente. Prossegue:

A caridade material pode ser aplicada a certo número de pessoas sob a forma de socorro, amparo, etc. A caridade moral abrange a todas as pessoas que de alguma forma convivem conosco. Não consiste em esmolas, porém, numa benevolência que deve envolver todas as criaturas, tanto o rico como o pobre, o intelectual como o ignorante, e para exercer essa caridade não há necessidade de riqueza material, mas, da única riqueza que não oferece perigos, é a riqueza espiritual, os tesouros morais que o homem venha a adquirir (LOVO, 2005, s/p)

Nesse caso, a caridade é universal, e deve ser exercida por todos - a redistribuição, neste trecho, não é colocada como uma preocupação, mas há a busca pelo transcendente e pelo imanente.

A Doutrina Espírita, embora estabelecendo a necessidade de o homem promover e praticar a caridade material, necessária e de grande significado defende, também, e especialmente, pela caridade moral, a que exige melhores condições do Espírito, portanto, mais importante, quando

conclama aquele que a prática à própria elevação com que se sublima e edifica interiormente (LOVO, 2005, s/p)

A caridade moral é a mais relevante e consegue reverter qualquer tipo de má-distribuição material. Essa ideia é desenvolvida com mais detalhes no trecho posterior, do neopentecostalismo:

No Salmo 128, versículo 2, a Bíblia mostra de forma clara e objetiva que o conceito de prosperidade vai além de ter dinheiro para conquistar o que se deseja para suprir sua necessidade: “Pois comerás do trabalho das tuas mãos, serás feliz e tudo te irá bem”. Segundo o texto, o trabalhador também será feliz com o ganho financeiro de seu trabalho. É necessário abandonar a “culpa cristã” e acreditar nas promessas de Deus para a vida financeira. É possível e totalmente correto ser próspero e ser cristão (RIVAS, 2018, s/p)

Podemos observar, neste trecho, que se trata de tornar as palavras de JC mais relevantes do que a emulação dos seus atos, dado que os atos dependem da condição de divindade, pois somente JC poderia ter a capacidade de renunciar a tudo voluntariamente. Mas como todas essas elocubrações podem ser traduzidas em uma análise mais ampla?

11 Análise global dos dados

Como resultado mais geral do estudo, podemos perceber que há uma distribuição dos cristianismos dentro desses dois pólos tipos-ideais. Os tipos mais “extremos” são, sem dúvida, o protestantismo histórico (no tipo-ideal individualista) e a teologia da libertação (no tipo-ideal coletivista). Há tipos intermediários, os quais vamos explorar também nesta seção.

O primeiro tipo mais extremo é o do coletivismo, dado que a teologia da libertação promove um “afastamento” de Deus da cultura, pois a cultura levaria à opressão e à dominação humanas (promovida por humanos); assim, JC apareceria como alguém que pede a igualdade, então a simetria é total. Por fim, a renúncia material aparece completamente voltada para a redistribuição da renda.

- Superioridade moral absoluta de JC;
- Hierarquização rígida de fiéis de acordo com conhecimento das escrituras;
- Condicionalidade da irmandade à aceitação do evangelho;

Do outro lado, o JC individualista é o protestante histórico. O tipo-ideal da moral do individualista dá conta da mentalidade que se foca na atividade construindo um campo de possibilidades e de hierarquia. O individualista é aquele que é capaz de se colocar em uma

posição de superioridade, *no mínimo*, naquela atividade. Como seria um cristianismo focado nessa tipologia de moral? Em imagens alinhadas com esses saberes, JC aparece como alguém que é superior moralmente a todos os indivíduos e de cuja sabedoria emana a verdade mais acabada. Seria essa característica que o permitiria, por exemplo, ser rígido em seu ensinamento, pois este saber se torna óbvio na medida em que é compreendido pelo interlocutor. Portanto, manifestações de cristianismo que apresentem características como as seguintes poderão se aproximar mais ou menos do tipo-ideal da moral do individualista.

Já os tipos intermediários são o catolicismo, o neopentecostalismo e o espiritismo. Apesar de o catolicismo ser mais antigo do que a teologia da libertação, fica evidente que a segunda é uma maximização de algumas características da primeira. Nesse caso, os desígnios da sociedade e de JC são completamente diversos, de modo que também existe uma renúncia material como via de purificação, e JC acaba estando em um patamar muito diferente do ser humano. Quanto ao neopentecostalismo, podemos observar que não existe necessariamente um desencontro entre cultura e a deidade, e que não há uma negação completa. Assim, há uma simetria com JC no tocante a ele ser considerado como um irmão e a purificação, semelhantemente ao catolicismo, não passa por uma renúncia material. Com relação ao espiritismo, há uma renúncia do mundo cultural para focar no mundo espiritual - de modo que há todo um estudo teológico dos espíritos e dos outros mundos. Nesse ponto, JC aparece como um espírito mais evoluído. Nesse caso, a renúncia material não é necessária para a purificação.

Já o tipo-ideal da moral do coletivista dá conta de um pensamento que se quer mais igualitário apesar da diferença de desenvolvimento das capacidades individuais. O igualitarismo cria esse nivelamento que torna os indivíduos próximos pela sua condição de sujeitos, separados de JC, porém igualados independentemente de seu conhecimento das escrituras. Essa concepção é evidente nas primeiras manifestações do cristianismo, porém ganhou uma série de sincretismos, de tal modo que é possível conceber-se JC como um homem relativista e que não se coloca em posição de superioridade com relação aos outros homens. Portanto, manifestações de cristianismo que apresentem características como essas poderão se aproximar mais ou menos do tipo-ideal da moral do coletivista:

- Maior simetria com JC;
- Hierarquização abrandada de acordo com o sentimento da fé;
- Irmandade universal independente das diferenças culturais;

Por meio desses tópicos, é possível construir a tabela 2, o qual vamos discutir a seguir:

Tabela 2: descrição das características das representações de JC

	Individualista	Coletivismo
Compaixão	Interno	Socialmente
Justiça	Individual	Coletivo
Perfeição	Aperfeiçoamento	Igualdade
Temporalidade	Presente	Futuro
Natureza	Milagre	Saber
Ordem social	Reformador	Revolucionário

Fonte: Elaborado pelo autor.

O JC individualista - por mais paradoxal do que pareça - está mais preocupado com a internalidade, pois a sua salvação pregressa permite alcançar a mais indivíduos. Ele quer a igualdade, mas desde que seja alcançada a excelência por todos. Assim, o sofrimento acaba sendo necessário para aperfeiçoar essa fé e assim criar a igualdade *a posteriori*, mas em outro mundo que não o humano. Essa visão de JC com certeza influenciou na construção dos nacionalismos, uma vez que eles precisam restringir a abertura das identidades para gerar uma coesão mais concreta, uma vez que grupos menores têm mais facilidade de se manter unidos.

Já o JC coletivista - o que também pode trazer confusão, pois JC estaria fora dessa relação mundana - está mais focado em criar a igualdade por meio do contexto. Primeiramente ele resolve a questão do egoísmo, cria a partilha e depois é possível que a sociedade cresça em conjunto. Assim, haverá um desenvolvimento simultâneo e não existirá mais a variável renda, e assim se estabelece o paraíso na própria terra. Dessa maneira, as questões humanas importam mais e há uma relação com o futuro, pois a humanidade é pensada em bloco. Esse pensamento sem dúvida é bastante influente, por exemplo, no marxismo e na social democracia, pois coloca a resolução dos problemas sociais como prioridade máxima.

Por esta tabela podemos perceber que existe um JC Individualista e um Coletivista, que diferem sensivelmente um do outro em princípios morais como compaixão - o primeiro considera a compaixão como a possibilidade de aperfeiçoamento pessoal subjetivo, enquanto o segundo deseja compartilhar diretamente bens materiais - , justiça – o primeiro considera que a justiça do todo é derivado da parte, enquanto o segundo é o contrário - ,

Perfeição - que para o primeiro tem a ver com uma busca e para o segundo tem a ver com a igualdade se estabelecendo - , Temporalidade - com o primeiro mais focado no presente e o segundo mais focado no futuro - , Natureza - o primeiro dando muito mais valor para o milagre, que prova a força da divindade, do que para o saber, que é a busca do contexto - e a Ordem Social - cujo primeiro prefere a Reforma do que a Revolução. Assim sendo, a figura de JC é extremamente complexa e seus desdobramentos devem ser estudados com mais cuidado e por múltiplos referenciais teóricos.

Se aceitarmos que é possível a distribuição das diferentes variedades religiosas dentro desse quadro de tipos-ideais, mostra-se possível uma miríade potencialmente infinita de imagens morais sobre JC. De acordo com o quanto os diferentes cristianismos aproximam-se ou se afastam desses tipos ideais é possível classificá-los dentro de um quadro de referências que explica, ao mesmo tempo, muitos dos conflitos que acontecem dentro do campo cristão: esses conflitos não se resumem à uma intolerância religiosa de raiz etnocentrista, portanto. Há, efetivamente, disputas sobre o sentido de JC, o que transforma cada um de seus atos em potenciais fontes de múltiplas interpretações para esses diferentes cristianismos.

12 Considerações Finais

Neste artigo analisamos, do ponto de vista comparativo, diferentes Representações de JC tomando como mote a sua relação com a pobreza. Foram selecionadas algumas variedades cristãs, confessadas no território brasileiro, com a nossa opção se desenrolando pela comunidade fiel; o contato com os dados aconteceu pela representologia, com as representações vinculadas em *blogs* relacionados à pobreza. Os dados apontaram para a distribuição desses JC dentro de dois pólos.

Uma das conclusões desse estudo é que pareceu mais importante o JC imagético do que o histórico, pois a comunicação dos elementos da representação também se dá por meio dele; ela faz parte da representação como um todo, pois consubstancia aspectos como a postura corporal e a indumentária do representado, algo potencializado em sua credibilidade pela sacralidade da imagem. Quando há a materialidade e a imagem também ganha relevo, forma-se uma nova relação construída especificamente com o objeto. Nesse caso, a materialidade transcende a visão e invade outros sentidos, permitindo novas interações de diferentes ordens.

Uma característica global é que os textos sempre lançam mão de alguma citação bíblica. Isso os torna textos de caráter religioso de “transição”: eles não são estudos teológicos aprofundados, imersos numa rede de significados mais herméticos, porém os mesmos possuem uma base e daí respondem a perguntas pontuais, seduzindo, assim, o leitor para a imersão na sua comunidade moral – com a intenção de conduzi-lo para o conhecimento das escrituras sagradas. Ou seja, esses textos estão bem na fronteira entre a conversão pela dominação carismática e pelas tradicional e a burocrática, o que levanta grande número de possibilidades teóricas e empíricas no futuro.

REFERÊNCIAS

ASLAN, Reza. **Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré**. São Paulo: Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo "Histórico" no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. **Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 9, n. 22, p. 504-533, 2011.

CHEVITARESE, André Leonardo. Da traição à morte de Jesus de Nazaré em torno de Judas Iscariotes. In: CHEVITARESE, André Leonardo; SELVATICI, MONICA; CORNELLI, Gabrielli. **Jesus de Nazaré: uma outra história**. Annablume, 2006.

COHN, Gabriel. **Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social**. Martins Fontes, 2003.

CÔRREA, Diogo Silva. O divino no humano e o humano no divino: esboço de uma cosmologia cristã-pentecostal. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 147-170, Aug. 2020.

CORTINA, Adela. **Ética**. São Paulo : Loyola, 2005.

CRESPO, Antônio Pedro Albernaz; GUROVITZ, Elaine. A pobreza como um fenômeno multidimensional. **RAE electron.**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-12, Dez. 2002.

DE BARROS, Ricardo Paes; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 123-142, Feb. 2000.

DE FÁTIMA FRANCO, Maria. Blog Educacional: ambiente de interação e escrita colaborativa. **Brazilian Symposium on Computers in Education** (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE). 2005. p. 309-319.

DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. 1977.

DURKHEIM, Émile. A Revolução Pedagógica em França. In: DURKHEIM, Emíle. **História da Educação e das Doutrinas Pedagógicas**. Trad. Isabel Pereira. Lãs Ediciones de Lá Piqueta, Madrid, 1982.

DURKHEIM, Émile. **Filosofia e sociologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERRARO, Benedito. Jesus e os marginalizados do seu tempo. Vida Pastoral. Sem Data. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/autor/b/benedito-ferraro/jesus-e-os-marginalizados-do-seu-tempo/> . Acesso em 28/08/2020;

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH-Unicamp, 1993.

GIESE, Nilton. Jesus era contra os ricos?. **Portal Luteranos**. 2019. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/jesus-era-contra-os-ricos>. Acesso em 28/08/2020.

INSTITUTO VERBO ENCANTADO. O voto de Pobreza. **Província Nossa Senhora Aparecida**. Sem data. Disponível em: <http://verboencarnadobrasil.org/o-voto-de-pobreza/>. Acesso em 28/08/2020

LEWGOY, Bernardo. A TRANSNACIONALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO KARDECISTA BRASILEIRO: UMA DISCUSSÃO INICIAL. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.28, n.1, p. 84-104, 2008.

LOPES, Ricardo Cortez. **Construindo Contextos: Uma contribuição sociológica para compreender a relação indivíduo e sociedade**. Curitiba: Viseu, 2019.

LOPES, Ricardo Cortez. **Repraesontologia: fundamentos da ciência das representações**. Belo Horizonte: Parajás, 2023 [Prelo]

LOVO, Maria Aparecida Ferreira. CARIDADE E RIQUEZA. 2005. Centro Espírita Baturia. Disponível em: http://cebatuira.org.br/estudos_detalhes.asp?estudoid=713. Acesso em 28/08/2020.

MANZATTO, Antonio. Cristologia: Teologia e Antropologia. **Revista de Cultura Teológica**, n. 19, p. 7-15, 1997.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? **Debates do NER**, v. 1, n. 1, 1997.

RIVAS, Katherine. Qual a sua relação com o dinheiro? Universal. 2018. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/qual-a-sua-relacao-com-o-dinheiro/>. Acesso em 14/10/2020.

VADICO, Luiz. Cristologia fílmica: subsídios teórico metodológicos para a análise da produção de imagens cristológicas geradas no cinema e na TV. Estudos de religião, v. 22, n. 34, p. 126-144, 2008.

VON SINER, Rudolf Eduard. Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural: reflexões sobre contextualidade e catolicidade. Estudos Teológicos, v. 44, n. 2, p. 26-57, 2004.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UnB, 1999.

WEBER, Max. “Rejeições religiosas do mundo e suas direções”. In: WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1963.


NOTAS

TÍTULO DA OBRA

Jesus Cristo e a questão da pobreza: cristologia comparada em blogs cristãos

Ricardo Cortez Lopes

Doutorado em Sociologia (UFRGS)
Grupo IBCMED, Departamento de Projetos Acadêmicos
Porto Alegre, Brasil
rshicardo@hotmail.br

 <https://orcid.org/0000-0003-0808-7203>

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 16/03/2023

Aprovado em: 27/09/2023